

**“EL ASENCIO” DA NOVELA HISTÓRICA NO URUGUAI:
A OBRA DE EDUARDO ACEVEDO DÍAZ (1851-1921)**

Gabriel Sordi ¹
(gsordi@gmail.com)

A origem desse trabalho remete a uma curiosa “descoberta” pessoal. Há quatro ou cinco anos atrás, enquanto pesquisava – para a composição de minha dissertação de mestrado – a vida de Eduardo Acevedo, autor de *José Artigas: Su obra cívica - Alegato histórico*, surpreendi-me quando soube que ele não era o autor das famosas novelas históricas uruguaias *Ismael*, *Nativa* e *Grito de gloria*, dentre outras. Até então, o que havia recolhido de material sobre o autor desses livros tratavam da vida e obra de Eduardo Acevedo Díaz (1851-1921), e não da de Eduardo Acevedo Vásquez (1857-1948), o advogado, historiador-autor de *José Artigas* e reitor da Universidad de la República, entre 1904 e 1907.²

Já o escritor Eduardo Acevedo Díaz é nacionalmente reconhecido em seu país como o iniciador da novela histórica uruguaia – como comenta o crítico literário uruguaio Alberto Zum Felde, “no porque haya sido el primero en cultivar el género, sino el primero en lograr obra de categoría” (*Proceso intelectual del Uruguay*, p.223). Para além da entusiasta relevância dada pelo crítico, procede a constatação de que Acevedo Díaz foi o primeiro romancista uruguaio a alcançar acentuada notoriedade em seu próprio território, ainda no final do século XIX, através da composição de novelas históricas sob diversos aspectos diferentes dos intentos predecessores – originalidade assim assinalada por Zum Felde:

¹ Mestre em História pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), com dissertação defendida em 02/2009 sob o título *El Protector y su Pueblo Libre: a representação do caudilho José Artigas no centenário de sua morte (1950)* – disponível eletronicamente em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000442742>, acesso em 21/03/2011.

² Acevedo Díaz e Acevedo Vásquez foram primos, filhos respectivos dos irmãos Norberto e Eduardo Acevedo Maturana (1815-1863), eminente político do então recém-fundado Partido Nacional uruguaio. Sobre outros notórios Eduardo Acevedo, conferir “Nos notables Acevedo”, editorial do jornal uruguaio *El País* de 07/09/08 – disponível eletronicamente em http://www.elpais.com.uy/08/09/07/predit_368378.asp, acesso em 21/03/2011.

... en la novela histórica de Acevedo Díaz... todo es trasunto directo de la vida americana, y no postiza adaptación de lo americano a las imágenes de la literatura europea. (...)

Hasta entonces todo era ‘copiandina’ – más o menos inconsciente – en la novela uruguaya; en Acevedo aparece la vida nativa expresada en su autenticidad sustancial. (pp.224-5)

Imersas, enquanto *forma*, num contexto de embate entre um então decadente romanticismo europeu e o nascente realismo, as novelas de Acevedo Díaz apresentaram-se com um *conteúdo* original e rico, através da descrição de personalidades da então principiante nação uruguaia com características próprias, não vestindo “a la manera indígena o gauchesca... a los convencionales maniqués del romanticismo europeo” (ZUM FELDE, p.225) – como, por exemplo, poderiam ser descritos os indígenas da obra do brasileiro José de Alencar, seu contemporâneo. Zum Felde ainda evoca a influência de Victor Hugo na obra de Acevedo Díaz – como em muitos outros escritores latino-americanos da época, mas sem um habitual servilismo ou imitação – e diz que o realismo de suas páginas, no Prata da segunda metade do século XIX, somente é comparável ao de Domingo Faustino Sarmiento (ibidem).

Antes, contudo, da apresentação e análise de suas obras à luz dessas reflexões, faz-se necessário a composição do pano de fundo em que foram concebidas e apresentadas a público.

A história da busca pela independência e desenvolvimento político autônomo do Uruguai, ao longo de todo o século XIX, é uma história marcada por subsequentes guerras, permeadas por curtos períodos de tréguas: da saga artiguista iniciada em 1811 ao fim da Guerra Grande, em 1851 (sem contar os anteriores combates nas Invasões Inglesas de 1806-7), foram quatro décadas de conflitos, passando pela ocupação luso-brasileira, a partir de 1816, a vitória sobre Artigas em 1820, a batalha iniciada em 1825 pelos 33 *Orientales* de Juan Antonio Lavalleja (1784-1853), que culmina na efetiva independência em 1828, e as guerras entre os recém-criados Partido Nacional de Manuel Oribe (1792-1857) e Partido Colorado de Fructuoso Rivera (1784-1854), pelo controle político do então novo país. Como em 1864-70 dá-se a Guerra do Paraguai, subsequentemente a *Revolución de las lanzas*, até 1872 (da qual participou como combatente Acevedo Díaz), e o período da história uruguaia conhecido como *Militarismo*, onde revezaram-se sete presidentes militares, de 1875 a 1890, além da Revolução de 1897 dos *blancos* (Partido Nacional) contra o presidente *colorado* Juan

Idiarte Borda (1844-1897) – pode-se ter em mente qual o papel desempenhado pela guerra na cultura uruguaia do século XIX.

Com 19 anos de idade, em 1870 Eduardo Acevedo Díaz abandonou a Facultad de Derecho, que cursava em Montevideu, para ingressar o exército *blanco* de Timoteo Aparicio (1814-1882) contra o governo *colorado* do presidente Lorenzo Batlle (1810-1887). Finda a *Revolución de las lanzas*, após uma negociação entre os dois partidos, inicia sua carreira jornalística, e suas críticas aos governos *colorados* de Pedro Varela (de 1875 a 76) e de seu sucessor, Lorenzo Latorre (de 76 a 80), obrigam-no a se refugiar na Argentina (nas cidades de La Plata, Dolores e Buenos Aires), de 1880 a 1895.

Ao regressar a Montevideu, funda *El Nacional*, um dos periódicos mais famosos da história do país. Com novas críticas – dessa vez, ao governo corrupto de Idiarte Borda (de 1894 a 97) – e participação da vida política uruguaia como polêmico senador, acaba sendo expulso do Partido Nacional ao apoiar, em 1903, a vencedora candidatura do presidente *colorado* José Batlle y Ordóñez (1856-1929). Após esse desentendimento com os membros de seu próprio partido, Acevedo Díaz parte para a Europa e outros países da América, ocupando cargos diplomáticos a mando do presidente Batlle, até sua morte, em 1921, em Buenos Aires.

Será em solo argentino, porventura, durante o período de 1880 a 1895, onde Acevedo Díaz conceberá suas mais reconhecidas obras literárias, todas sobre o universo caudilhesco de sua pátria, do outro lado do estuário do Prata.

Ismael, publicada em 1888, é considerada um divisor de águas na literatura uruguaia. As anteriores novelas históricas – a saber, principalmente *Caramurú* (1865), obra³ de expressiva repercussão do jurista e político Alejandro Magariños Cervantes (1825-1893) – são intentos, segundo Zum Felde, de “falsedad histórica” e “floreja literaria” (*Proceso intelectual del Uruguay*, p.225), críticas coestendidas às novelas dos fundadores da associação cultural Club Universitario (hoje Ateneo de Montevideo) –

³ Na “Advertencia” de sua obra, Magariños Cervantes escreveu: “Aunque esta no sea una novela histórica ni tenga las pretensiones de tal, sus personajes no pueden considerarse absolutamente como hijos de la imaginación. Nos daremos por muy felices, no obstante, si a favor de una fábula que interese agradablemente al lector y excite sus nobles sentimientos, conseguimos bosquejar algunos rasgos del país, de la época y de los personajes que figuran en este libro” (MAGARIÑOS CERVANTES, p.XVII); na mesma obra, seu editor, Teodomiro Real y Prado, escreve esta nota: “La calificación de *histórica* dada en el título á esta novela, es puramente nuestra; pues no se encuentra en el ejemplar que nos ha servido para la reimpression. A pedido del autor, hacemos esta advertencia” (idem, p.216). Considerando o que autor e editor escreveram, não se pode desconsiderar *Caramurú* como um intento de novela histórica, na definição mais usual da mesma.

como *Los amores de Marta* (1884), romance do periodista, político e historiador Carlos María Ramírez (1847-1898); e *Cristina* (1885), de autoria do jornalista e político Daniel Muñoz (1849-1930). Mesmo Acevedo Díaz havia publicado, em 1886, o folhetinesco *Brenda*, seu romance inaugural, dotado de características da então saturada escola romântica – e que, por isso, foi recebido com severas críticas em Buenos Aires, e não obteve, nem de longe, o sucesso que alcançará *Ismael*.

A história do homônimo protagonista,⁴ taciturno mestiço de origem desconhecida, inicia-se com sua chegada à estância onde trabalha o *godo* Jorge Almagro, seu administrador. Tão hábil no domínio dos *caballos* como da *guitarra*, Ismael acaba sendo alvo da paixão de Felisa, filha do estancieiro, por quem sempre fora encantado Almagro. Certa noite Ismael e Felisa se encontram, e Jorge Almagro os surpreende no meio do idílio; após um “duelo a cuchillo”, em que Almagro é ferido, Ismael foge para os montes, onde viverá em companhia de outros *matreros*, até que a insurreição em toda a Banda Oriental os incite a também ingressar as fileiras independentistas – a sua, especificamente, sob o comando de Félix Rivera, irmão do futuro presidente uruguaio *colorado* Fructuoso Rivera.

Ao regressar, tempos depois, à estância, a encontra abandonada, e descobre que sua amada fora morta por Almagro. E será na Batalha de Las Piedras,⁵ ao lado da *montonera* artiguista, onde Ismael surpreendentemente encontrará Almagro como opositor, vingando-se então, agora com a morte, do assassino de Felisa.⁶

A remanescente fama desse romance e dos que lhe seguirão é devida, segundo Zum Felde, pela composição original, no Uruguai, de “la novela suficiente, dotada de virtudes literarias, en su doble aspecto humano y estético, como sustancia y como

⁴ Chama a atenção o nome do personagem Ismael, o mesmo do desafortunado filho de Abraão que será rejeitado pelo pai, em Gênesis 21, e cujo nome significa em hebraico “Deus ouve”, recordando o sofrimento de sua mãe Agar; a história do protagonista de Acevedo Díaz também se referenciará à promessa bíblica do mensageiro do Senhor: de que Ismael seria, “entre os homens, como um *potro selvagem*, sua mão contra todos, a mão de todos contra ele!” (CRUMB, Robert, *Gênesis*, trad. Rogério de Campos, São Paulo: Conrad, 2009, capítulo 16, p.57).

⁵ Primeira vitória do prócer máximo uruguaio José Artigas (1764-1850), em 18/05/1811, contra tropas reais espanholas. A batalha e a data são emblemáticas a toda a história e historiografia uruguaia.

⁶ Excêntrica, tal inocente “fórmula” romântica de *Ismael* será repetida novamente nas novelas mais famosas de Acevedo Díaz; e assim, em *Nativa* (1890) e sua continuação, *Grito de gloria* (1893), Luis María Berón será o herói, por quem se apaixonam as irmãs estancieiras Nata e Dora; e em *Soledad* (1894), a heroína será a estancieira que empresta seu nome ao título, e Pablo Luna o forasteiro que conquistará seu coração.

forma” (p.223) – principalmente na tetralogia⁷ composta por *Ismael*, *Nativa* (1890), *Grito de gloria* (1893) e *Lanza y sable* (1914). No fato de tais novelas serem ambientadas no período convulsivo da afirmação pátria uruguaia, balizadas por “seguro conocimiento histórico” (ZUM FELDE, p.224), transparece a intenção do autor em também dar sua contribuição para a composição do imaginário, ainda em construção, sobre a independência e originalidade da nacionalidade oriental.

Assim, historicamente, *Ismael* compreende os primórdios da insurreição de 1811; a ocupação luso-brasileira e as lutas pela efetiva emancipação uruguaia, de 1825 a 28, são palcos de *Nativa* e *Grito de gloria*; e a disputa entre os partidários de Oribe e Rivera durante a Guerra Grande (1839-1851) é o pano de fundo de *Lanza y sable*.

Abarcando, portanto, o período de gênese do estado oriental ao longo da tetralogia, Acevedo Díaz buscou ao mesmo tempo integrar “el puramente histórico y el imaginario, sin que éste altere el rigor documentario de aquél con sus ficciones literarias, ni aquél trabe y servilice los fueros de la creación novelesca” (ZUM FELDE, p.229). Para isso, o casamento entre narrativa histórica e pura invenção nessas obras ocorrerá com um deliberado cuidado, para que se não “manche” o relato cientificista histórico com o desenvolvimento da trama romântica; Acevedo Díaz evitará, assim, expor as personalidades históricas à sua ficção – com, por exemplo, uma mínima participação dessas personalidades em diálogos – apesar de traçar quadros descritivos de algumas delas nas páginas de seus romances.⁸

Zum Felde critica a “grande laguna histórica” entre *Ismael* e *Nativa*, uma notável falha que não o impossibilita, contudo, de declarar ser a obra de Acevedo Díaz a verdadeira epopeia da gesta independentista uruguaia:

⁷ Embora seja concebida como continuação (do ponto de vista da cronologia política uruguaia) de *Grito de gloria*, Zum Felde rejeita *Lanza y sable*, escrita muito tempo depois das três primeiras obras, como parte do que chama a trilogia de Acevedo Díaz: “Estas [três primeiras] obras componen el tríptico fuerte y admirable. ‘Lanza y Sable’, escrita muchos años después, en su segunda y definitiva expatriación, carece del vigor artístico y de la verdad histórica de las primeras; y no puede por tanto, incorporarse, de derecho, a aquéllas, para formar una tetralogía, aunque en su acción continúe y complete a las otras” (p.229). Para a finalidade desse trabalho, contudo, *Lanza y sable* não pode ser descartada como representativa do imaginário de Acevedo Díaz sobre o Uruguai oitocentista, e será portanto analisada aqui em paridade às outras.

⁸ Após elogiar esse distanciamento, Zum Felde faz dura crítica aos literatos que não freiam sua imaginação frente à narração de ações e falas de personalidades históricas, como Alexandre Dumas: “Este procedimiento subvierte los elementos, es confusivo y espúrio. Preferido, y de éxito, en el novelón popular, como el de Dumas padre, se aparta de la línea severa del arte y rebaja la categoría literaria” (p.230).

Todo el período artiguista, desde *Las Piedras* hasta *Tacuarembó*, ... con los episodios fundamentales del Exodo, del Congreso del año XII, del Protectorado Federal del Hervidero, de la invasión lusitana, de los desastres militares que lo siguieron, de la entrada de Lecor en Montevideo, toda la epopeya, en suma, del Caudillo [Artigas], ha sido omitida por Acevedo Díaz en un inexplicable salto histórico.

Debemos considerar como un error del escritor esa omisión de una época tan significativa como rica en sucesos cuyo carácter les hace imprescindibles en un plan novelesco que abarque la gesta de los orígenes nacionales. (*Proceso intelectual del Uruguay*, pp.235-6)

Na realidade, na época em que Zum Felde escreve, 1930, o resgate e estabelecimento de Artigas como prócer máximo uruguaio já estavam consolidados; no final do século XIX, de outro modo, ainda existia um debate caloroso sobre essa questão, e talvez Acevedo Díaz desse mais importância aos feitos posteriores, de Lavalleja, Oribe e Rivera, para o advento do Estado Oriental; ou lhe fosse mais interessante debater o surgimento dos dois tradicionais partidos uruguaiois, e a conclusão de seu processo de independência, do que seu início, levado a cabo por José Artigas.⁹

Inevitável é sustentar que a presença do idealismo heroico e os “contornos de epopeya” (ZUM FELDE, p.224) das novelas históricas de Acevedo Díaz refletem a intenção, na virada dos séculos XIX-XX, de apresentar o nascimento da nação uruguaia como algo espetaculoso, valoroso, arrojado – e, visando isto, apresentar também seus elementos componentes (o *gaucho*, principalmente) sob a mesma égide. Ao mesmo tempo, o universo uruguaio, *gaucho*, será descrito como um ambiente de fraternal fusão de índios, negros, mestiços e *criollos*, grupos que darão corpo às *montoneras* e se unirão sob a mesma bandeira – a bandeira do *caudillo*, elemento de agregação dessa massa heterogênea.

⁹ Outrossim, a liberdade poética de um literato como Acevedo Díaz lhe permitiu ambientar sua narrativa nos períodos que ele quis, sem que isso tenha necessariamente que ser submetido a um exame lógico de necessidade ou intencionalidade – em nenhuma manifestação artística a parte estética precisa estar submetida à política, necessariamente. Zum Felde, pelo contrário, propõe que Acevedo Díaz errou em sua ambientação narrativa, ao se esquivar da reprodução da divisão mais clássica da história uruguaia: “‘Nativa’ debiera suceder, pues, entre 1812 y 1820; ... así se hubiera ganado en lógica orgánica y en equilibrio estético, y nuestras letras contarían con una obra de interés capital: la del ciclo artiguista, que no se ha escrito” (p.237).

Todos esses elementos, na ótica de Acevedo Díaz, serão apresentados, por fim, sob aspectos positivos. Como exemplo e principalmente, em sua obra, a “conversão” do *matrero* em herói revolucionário: os habitantes dos montes solitários, os fugitivos da opressão espanhola e luso-brasileira, os “desajustados” sociais, os criminosos de pequenos delitos (até justificáveis, para Acevedo Díaz),¹⁰ depois se reunirão em exército, pela mesma nobre causa – a conquista da independência, da justiça e de melhores condições sociais. São personagens de “fibra heroica”, mesmo que rústica; uma espécie de heroísmo *bandolero*, o dos uruguaios de então, compartilhado por seu líder:

A un instinto poderoso de existencia libre, se unía en ellos un coraje indómito. Verdaderos hijos del clima, como Artigas, poseían la tendencia irreductible de las pasiones primitivas y la crudeza del vigor local. Peleaban sin contar el número, y caían con resignación heroica.

No dejaba de ofrecer también originalidade cierta faz psicológica... del *matrero*, y que lo presentaba con un tinte simpático e interesante en medio de los azares y extravíos de su existencia semi-bárbara; y era la de muy acentuados sentimientos de gratitud y nobleza en determinadas ocasiones, los que revelaban en sus actos como una prenda segura de lealtad nativa. (*Ismael*, pp.150-1)

Existe ainda certa preocupação, em Acevedo Díaz, em apresentar o *matrero* como homem branco, revelando certo preconceito do autor – pela tenacidade dessa preocupação, ao apresentar o que diz ser o elemento líder do movimento revolucionário urguaiou como indubitavelmente não mestiço; elemento que deveria, “naturalmente”, ocupar o comando do território, após séculos de domínio dos bravos índios charrúas:

... [era] de admirar frecuentemente en el organismo de estos hombres [dos *matreros*] la fortaleza primero; y, luego, la blancura admirable, casi transparente de su piel. En muchos de ellos, como prueba inconcusa de origen puro, señalábanseles en el tronco las venillas azuladas como vetas de delicado pincel en un jarrón de porcelana. (...)

¹⁰ “... estaba lejos de ser [o *matrero*] en la mayoría de los casos un ‘cuatrero’ [ladrão de solípedes], un contrabandista o un delincuente común sujeto a serias responsabilidades penales: hombres honestos y laboriosos veíanse obligados a sobrellevar esa vida, ya porque los odios del pago no les permitían mantenerse en sus hogares, ya porque la persecución oficial colocábalos en el mismo extremo de abandonar por tiempo indefinido familias e intereses...” (*Nativa*, p.250).

El clima que nutría el germen del guayabo, del ‘yathay’ y del ombú... era natural que diera vida también y la misma indómita energía al hombre que debía ocupar la escena y reemplazar gradualmente con sus soberbias heroicas las proezas salvajes de la tribu. (*Nativa*, pp.247-8)

Tal preocupação pode ser transposta às próprias preocupações políticas do momento em que Acevedo Díaz escreve; o programa do Partido Nacional, na virada dos séculos XIX-XX, certamente não aprovaria uma condução do poder do país por elementos que não fossem os proprietários ou intelectuais brancos do Uruguai.

Para além desses aspectos políticos, explícitos nas obras de Acevedo Díaz,¹¹ suas novelas históricas evidenciam o que a literatura, com sua peculiaridade própria, pode trazer de acréscimo à compreensão da história e cultura de determinado lugar e período. Tal força de apresentação de determinados aspectos (que incide na questão da apreensão dos mesmos pelos leitores) pelo viés da literatura não encontra o mesmo lugar nas narrativas taxativamente historiográficas – ou, nas últimas, pode não alcançar os mesmos efeitos de compreensão.¹²

Essa eficácia diferenciada pode ser constatada pela análise de diversos exemplos, espalhados ao longo de toda sua obra – como quando Acevedo Díaz relata os *trabajos* realizados pelos habitantes da Banda Oriental, nos primórdios do século XIX: *la esquila*, o “cerimonial” de tosquia das ovelhas (*Soledad*, pp.40ss); *el rodeo*, o cerco e escolha das melhores reses selvagens para compôr um rebanho (*Ismael*, pp.95-7); *la carneada*, as técnicas de matança e retirada / separação das carnes e couro das vacas (idem, pp.130ss); ou *la doma*, a luta para domesticar os cavalos selvagens dos pampas, assim descrita em *Nativa*:

... sus paradas súbitas [do *redomón*] sobre los pies traseros y manotadas en el vacío, sacudiendo la airosa cabeza a la vez que todo el largo de la médula para lanzar a su tirano [o negro Esteban]; sus gritos casi feroces al aplomarse en ágil columpio y refregar los labios llenos de sanguinolentas burbujas en los pastos duros, al mismo tiempo que levantaba sus miembros

¹¹ Principalmente em seus ensaios não literários, como na *Carta política* de 1903 e em *Épocas militares en el Río de la Plata*, reunião de seus escritos históricos publicada em 1911.

¹² Nesse sentido, torna-se elucidativo o título da seleção de textos de Acevedo Díaz feita pelo historiador Carlos Real de Azúa, *La patria vieja* (referências na bibliografia), enquanto este considera os elementos presentes nas novelas históricas aqui tratadas como extremamente pertinentes para se compreender o “antigo” Uruguai, o do século XIX, em sua formação.

posteriores hiriendo con los cascos el aire con increíble rabia, fueron poco a poco limitándose a ligeros brincos y ahogados ronquidos, cuya expansión hacía forzosa la fatiga. (*Nativa*, p.107)

Diferentemente, portanto, de uma simples compilação das profissões e trabalhos exercidos pelos habitantes do Uruguai ao longo do século XIX, as novelas históricas de Acevedo Díaz apresentam complementos e pormenorizações sobre esse assunto que dificilmente estariam presentes em uma obra historiográfica – por seu formato “científico”, não encontrariam aí espaço de inserção. A literatura pode (e em Acevedo Díaz temos um exemplo disso) auxiliar a compreensão histórica, muitas vezes, de maneira singular e decisiva.

No mesmo sentido, o *gaucho* astuto, másculo, de moral inquebrantável, moldado em uma cultura sanguinolenta, apresenta-se com especial distinção e colorido na narrativa de Acevedo Díaz – tornando-o um arquétipo mais inteligível. Nas páginas de *Ismael*, o protagonista se torna personagem de peculiar simbologia *gaucha* – “tiene un valor representativo, da el carácter y el sentido de su raza, de su ambiente, de su época” – ao mesmo tempo em que “su historia íntima es representativa, a la vez, del estado social y moral de la campaña a tiempo de producirse el alzamiento emancipador” (ZUM FELDE, pp.230-1); assim pôde-se apresentar um Fernando Torgués,¹³ ainda em período pré-revolucionário, com tais características caudilhescas, ambientando-se também (na narrativa de um seu “duelo a cuchillo”) a cultura em que se formaram tais varões:

... sin hablar más, temiendo se les escapara la fuerza con la voz, se fueron al encuentro [Fernando Torgués e um desafeto campesino] encorvados a largos pasos de felino, hasta que, acertada la distancia y caídos en guardia a su manera, ... miráronse un momento en las pupilas, como si en ellas estuvieran las puntas de las dagas. (...)

Difícil hubiera sido reconocer en aquellos rostros [testemunhas da vitória de Torgués] si el sentimiento que en ese instante predominaba era el del interés que inspira la desgracia del *guapo* o el de la compasión que despierta la muerte de un hombre. (...)

¹³ Fernando Torgués, ou Otorgués (1774-1831), foi líder de fileiras artiguistas e chegou a governar Montevideu de fevereiro a julho de 1815, pouco depois da tomada da cidade das mãos espanholas. Preso em 1819, após derrota para as tropas de Bento Gonçalves, foi enviado ao Rio de Janeiro, e liberto apenas em 1821. Ajudou Lavalleja no último período da guerra pela independência, entre 1827 e 1828. A bandeira tricolor (vermelha, azul e branca) de seu regimento é a mesma utilizada pelo atual partido uruguaio no poder, a Frente Amplio.

Sabido es que la costumbre de ver sangre, aunque fuere de las bestias, cebaba y subyugaba a los que habían nacido en los hogares del desierto [as *campañas*]... Este vapor de sangre que se aspiraba [desde] en la infancia endurecía el instinto y adobaba la fibra. (*Ismael*, pp.104-7)

É verdade que, nesse ponto, Acevedo Díaz tratou não só de trazer novos e esclarecedores aspectos sobre o elemento *gaucho*, mas expôr uma concepção pessoal, de apresentação do *gaucho* como elemento positivo de transformação social. Contrapondo o exposto por Sarmiento, o bárbaro de Acevedo Díaz é o desencadeador de melhorias no Uruguai, na medida em que não se conforma com a opressão de “civilizados” espanhóis e luso-brasileiros; seu *matrero* é exposto como potencialmente um herói, não como elemento de corrupção social. Embora essa seja uma posição totalmente passível de oposição ou questionamentos, sua obra não é passível de descarte, exatamente por conter outros elementos que proporcionam acréscimos à compreensão histórica – ou ao seu debate.¹⁴

As próprias mudanças históricas, desencadeando-se ao fundo das obras de Acevedo Díaz, proporcionam a seu leitor um formato interessante e peculiar de apreensão do que ocorria na Banda Oriental do período – as páginas de *Nativa*, por exemplo, mostram como a presença luso-brasileira deu um novo “colorido sensual” à vida intramuros montevideana, com a narração dos bailes que então se faziam na capital uruguaia:

En la calle denominada más tarde de Treinta y Tres, extendíase hasta una y otra costa del río una línea de casuchas, cobertizos y barracas... Más interesante... era la abundancia de rostros lindos en la prole femenina; afirman que allí brillaban tantos ojos expresivos y lucíanse tantos gentiles cuerpos que la galante oficialidad portuguesa afluía en masa al barrio de los pescadores con intento de bucear... perlas.

... [com suas] madrigueras de negros africanos y de zambos donde se bailaba a la luz del candil... a este barrio costanero [también] concurría con guitarras el peonaje de carretas del

¹⁴ O próprio Eduardo Acevedo Díaz explica, em “Carta sobre la novela histórica”, publicada no periódico montevidiano *El Nacional* de 29/09/1891, o que entende da relação entre a literatura e a história: “El novelista consigue, con mayor facilidad que el historiador, resucitar una época, dar seducción a un relato. La historia recoge prolijamente el dato, analiza fríamente los acontecimientos, hunde el escalpelo a un cadáver, y busca el secreto de la vida que fue. La novela asimila el trabajo paciente del historiador, y con un soplo de inspiración reanima el pasado, a la manera como un Dios, con un soplo de su aliento, hizo al hombre con un puñado de polvo del Paraíso y un poco de agua del arroyuelo.”

hueco de la Cruz para mezclar a sus hábitos de campo un poco del placer del poblado... (*Nativa*, p.29)

A mudança é grande àqueles que anteriormente leram, nas páginas de *Ismael*, sobre o “asilo de Marte”, o cinzento Cabildo, o triste “toque de queda”, ou o “deforme y oscuro” prédio em que habitava o governador de Montevidéu:

Aparte de esto [o teatro de San Felipe], la sociedad carecía de goces. El ejercicio de las armas y la función de guerra, casi permanente, habían creado hábitos severos: poca diferencia mediaba entre la rigidez del collarín militar y la dureza del carácter. Profesábase sin reservas la religión del rey. (*Ismael*, p.8)

A constatação, por exemplo, de que o Iluminismo influenciou os acontecimentos de Maio de 1810 e os posteriores, é trivial; a composição da cena, em *Ismael*, dos frades montevidéanos discutindo em segredo *O Contrato Social*, mostra outra face dessa constatação, tonifica e dá vigor à concepção da mudança que se operava na sociedade da época e, por fim, enriquece o universo de indagações a serem assentadas sobre o período.

Em outro momento, a mesma “plaza fuerte” de Montevidéu dos séculos XVIII-XIX é apresentada com suas elevadas muralhas, seu porto, o Cerro, a catedral, e os famosos *miradores* das casas são descritos como pontos de poética, silenciosa e filosófica observação do que acontecia em toda a cidade e no porto, ao fim da tarde (*Grito de gloria*, pp.134-5). O célebre escritor francês Alexandre Dumas já havia, em 1850, descrito a cidade com as cores mais pitorescas, nas páginas introdutórias de sua *Montevideo o la nueva Troya*;¹⁵ Acevedo Díaz, também o faz (de maneira bastante parecida), além de contrastar os espíritos reacionário e revolucionário que se digladiavam ao seu redor, ao raiar do século XIX:

... [dentro de suas muralhas] persistía casi intacto el espíritu del viejo régimen, ... la costumbre hereditaria pugnando por sofocar la tendencia al cambio...

¹⁵ Em julho de 2010, apresentei um trabalho sobre essa obra, intitulado “O historiador Alexandre Dumas, defensor do Uruguai”, no 9º Encontro Internacional da Anphlac - Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas, realizado em Goiânia/GO – disponível eletronicamente em www.anphlac.org/html/anais_artigos.php?a=9, acesso em 21/03/2011.

Esa corriente [revolucionária], con ser poderosa, no podía detenerse a romper su coraza, y pasaba de largo ante el muro sombrío rozándolo en vano con su bullente espuma. (...)

Bradford [militar inglês] diluyó sobre los vencidos [da Invasão Inglesa de 1807] palabras misteriosas y proféticas: Montevideo vio brillar la primera en América Latina una estrella luminosa, *Southern Star*, que enseñaba el rumbo a la mirada inquieta del pueblo, para ocultarse bien pronto entre las densas nubes de la tormenta! (*Ismael*, pp.4-5)

Por sua vez, as agruras enfrentadas pelos monteviduanos, desde as Invasões Inglesas de 1806-7, até a luso-brasileira a partir de 1816-7, são assim poeticamente pintadas por Acevedo Díaz:

... [desde o início do século XIX, têm os monteviduanos visto] tremolar y alternarse en sus almenas, entre el humo de la pólvora, en medio de músicas marciales y de himnos cantados en idiomas diferentes, banderas españolas, británicas, argentinas, orientales, portuguesas y brasileñas como si el viejo real de San Felipe [de Montevideú] escondiera detrás de su coraza de granito la llave de un eldorado prodigioso, tesoro de los indomables nativos y codicia de los ejércitos aventureros. (*Nativa*, p.242)

Outro momento em que a poética intensifica e complementa o relato histórico é quando, em *Grito de gloria*, Acevedo Díaz narra a triste desolação dos campos ao norte, próximos ao Brasil, após a emigração de grande parte da população e do gado para o outro lado da fronteira – bem como, na mesma obra, sua plástica narração da batalha de Sarandí, em que Lavalleja impingiu uma das primeiras importantes vitórias orientais contra a dominação brasileira, em 12/10/1825, e as primeiras desinteligências, ainda não tão desarmoniosas, entre os partidários de Rivera, de um lado, e de Oribe e Lavalleja, de outro. Aqui sim Acevedo Díaz cumpre o duplo papel de, ao mesmo tempo, desenrolar sua narrativa e posicionar-se politicamente, ao enaltecer a dupla *nacionalista* em detrimento do caudilho Rivera:

Blanco tradicional, su critério [de Acevedo Díaz] o su prejuicio partidista ha intervenido para falsear en parte el carácter de algunos personajes históricos; así, mientras los generales Lavalleja y Oribe aparecen [em *Grito de gloria*], caballeros sin miedo y sin tacha, revestidos de todas las virtudes y razones, el general Rivera es presentado sólo como un gaucho astuto y tramposo, hábil simulador y siempre pronto a la deslealtad. (ZUM FELDE, p.241)

Este embate político transposto às páginas da literatura corroboram a afirmação de Zum Felde de que “en el Uruguay no existe historia: todo es política”; diferentemente da Argentina, por exemplo, onde personalidades como Rosas ou Sarmiento poderiam ser trabalhadas com o distanciamento devido, no Uruguai as narrativas acerca de Oribe e Rivera sempre estariam permeadas pelo partidarismo dos narradores (ZUM FELDE, p.242), pela hegemonia política bipolar existente no Uruguai ao longo dos séculos XIX e XX.

Apenas sobre o período anterior a 1830 existiria um “consenso historiográfico” sobre o papel desempenhado por Artigas como elemento ímpar de unificação para a luta de independência e pai da nacionalidade uruguaia – consenso não existente ainda na época em que escreve Acevedo Díaz, mas com certeza também promovido por ele, que faz seu panegírico nas páginas de seus romances; basta lembrar as características supracitadas dos *matreros*, que Acevedo Díaz coestende a seu “líder-supremo”, bem como a relação estabelecida pelo romancista dos índios uruguaio com Artigas:

Tenían los charrúas por Artigas un gran respeto adunado a un sentimiento de admiración sincera, nunca desmentido, como si en realidade hubiese llegado hasta ellos la fuerza de su prestigio o la fama de su bravura.

... [resolveram os índios] pues, a acompañarlo con lealtad en todas sus luchas formidables, sin reservas para su presente y futuro... (*Nativa*, p.198)

Pelo teor de suas composições, portanto, Eduardo Acevedo Díaz poderia ser classificado como um romântico descritivo (com suas intermináveis páginas dedicadas à descrição dos elementos de composição do universo uruguaio do século XIX), com acentuado conteúdo histórico adicionado à sua narração, cujos elementos históricos não são ingenuamente inseridos, mas sim com a intenção de expôr um ponto de vista político aos leitores – na trilha do pensamento do pensador francês Roger Chartier, poderíamos classificar de “protocolos de leitura”¹⁶ os aspectos espalhados pelo texto de Acevedo Díaz que buscam conduzir o leitor a que acabe concordando com sua opção partidária.

Além dos aspectos narrativos da obra de Acevedo Díaz, também é pela *falta* da obra iniciadora, da epopeia fundacional, que se afirma sua fama:

¹⁶ Alcír Pécora, “O campo das práticas da leitura, segundo Chartier”, em CHARTIER, p.9.

... faltando a nuestra literatura el poema épico representativo del ciclo guerrero y gauchesco de nuestra historia, la novela histórica de Acevedo Díaz llena en cierto modo esa función, ya que, a la realidad histórica misma de sus elementos, aúna ese aliento epopéyico y legendario y el valor poemático de muchas de sus escenas. (ZUM FELDE, p.226)

Assim, como o episódio *Grito de Asencio*¹⁷ é considerado o desencadeador do processo revolucionário oriental, contra os espanhóis, pode-se considerar *Ismael* e a obra de Eduardo Acevedo Díaz como iniciadora de uma vigorosa produção, de maior qualidade literária, que procurou descrever e configurar certa acepção romântica, épica e politizada da história uruguaia – iniciadora, portanto, de novos paradigmas às peculiares literatura e historiografia uruguaias, e se tornando referência e ponto de inflexão aos estudos sobre as mudanças de concepção acerca do passado *gaucho* e sua influência na construção da nação uruguaia.

Bibliografia

ACEVEDO DÍAZ, Eduardo, *Grito de gloria*, Colección de Clásicos Uruguayos, Montevidéo: Imprenta Nacional, 1964 (c.1893).

_____, *Ismael*, Colección de Clásicos Uruguayos, Montevidéo: Imprenta Nacional, 2ª edição, 1985 (c.1888).

_____, *Lanza y sable*, Colección de Clásicos Uruguayos, Montevidéo: Imprenta Nacional, 1965 (c.1914).

_____, *La Patria Vieja*, seleção de Carlos Real de Azúa, Montevidéo: Centro Editor de América Latina, 1968.

_____, *Nativa*, Colección de Clásicos Uruguayos, Montevidéo: Imprenta Nacional, 1964 (c.1890).

¹⁷ Levante armado, em 28/02/1811, contra o governo espanhol do então vice-rei Francisco Javier de Elío, realizado na região do atual departamento Soriano, às margens do rio Asencio. Não é consenso, entre os historiadores, da magnitude de sua importância para o posterior levante dos uruguaios contra a Espanha, sendo as subseqüentes ações de Artigas (principalmente a vitória na Batalha de Las Piedras) consideradas como de maior relevância – apenas constata-se ser este o primeiro levante conhecido, no território, contra o governo espanhol, após as deliberações portenhas de Maio de 1810.

_____ , *Soledad: el combate de la tapera*, Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1978 (c.1894).

CHARTIER, Roger (org.), *Práticas da leitura*, trad. Cristiane Nascimento, São Paulo: Estação Liberdade, 2ª edição, 2001 (c.1985).

DUMAS, Alexandre, *Montevideo o la nueva Troya*, trad. F.E. Lavalle, coleção Los libros del Mirasol, Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1961 (c.1850).

MAGARIÑOS CERVANTES, Alejandro, *Caramurú: novela histórica original; La vida por un capricho: episódio de la conquista del Río de La Plata*, Biblioteca Hispano-americana, Buenos Aires: Teodomiro Real y Prado, 4ª edição, 1865.

SARMIENTO, Domingo Faustino, *Facundo: civilização e barbárie*, trad. Jaime A. Clasen, Petrópolis: Vozes, 1997 (c.1845).

ZUM FELDE, Alberto, *Proceso intelectual del Uruguay: crítica de su literatura - I. Del coloniaje al romanticismo*, Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1987 (c.1930).